

SABE

TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA REALIZADA COM ELSE HILDA PAPKE & ARNO ROBERTO PAPKE. POR HAIDE BIEHL, NO DIA VINTE E NOVE (29) DE JULHO DE DOIS MIL E QUATRO (2004), QUINTA-FEIRA. NA COMUNIDADE DE SEDE OLDEMBUR MUNICÍPIO DE PALMITOS. (SALVA EM PASTA LEEPEC, COMO LEEPEC Nº15)

Entrevistadora: Haide Biehl “HB”

Entrevistados: Else Hilda Papke “EHP”

Arno Roberto Papke “ARP”

Transcrita por Leandro Gasperini

HB – Entrevista realizada com senhor Arno Papke e com a dona Hilda Papke por Haide Biehl, as vinte horas (20:00h) em sede Oldenburg. Na cidade de Palmitos no dia vinte e nove (29) do mês de julho de dois mil e quatro (2004). Dona Hilda qual seu nome completo?

EHP – Else Hilda Papke.

HB – E o seu seu Arno?

ARP – Arno Roberto Papke.

HB – Dona Hilda o nome de seus pais por favor?

EHP – João Vilibaldo Kaivin, minha mãe Elma Paver Mankavem.

HB – Seu Arno os seus?

ARP – Reinaldo Ernesto Papke e Elsa Fonir Papke.

HB – Dona Hilda e seus pais vieram aqui para Palmitos, de onde eles vieram?

EHP – De Rio Grande do Sul. Morro Azul, município de Taquari.

HB – Hoje Paveram?

EHP – Hoje Paveram sim.

HB – E os seus Seu Arno vieram aqui para Palmitos também?

ARP – Não meus pais não mas eu. Não eu vim de Quatinga município de Monte Negro.

HP – Hoje Caxias.

ARP – É hoje Caxias.

HB – Dona Hilde onde e quando a senhora nasceu?

HP – Morro Azul município de Taquari dia trinta (30) de maio de ano trinta e seis (36).

HB – E o seu Arno?

ARP – Quatinga Montenegro, quatorze (14) de julho de mil novecentos e trinta e quatro (1934).

HB – Os dois são da Etnia Alemã?

EHP & ARP – Sim.

HB – E seu Arno qual a sua profissão?

ARP – Eu sempre fui agricultor.

HB – Não exerceu outra profissão?

ARP – Não.

HB – E a dona Hilde?

EHP – Eu também, toda a vida era agricultura, hoje em dia se diz doméstica.

HB – Do lar.

EHP – É do lar.

HB – E quando vocês vieram para Palmitos vocês também vieram para trabalhar como agricultores?

EHP – Sim, haham sim.

HB – E o que vocês produziam aqui?

EHP – Milho, feijão soja era pouca aqueles tempos. E mandioca, batatinha, arroz que mais dava.

Batatinha arroz era só pro gasto da família.

HB – Haham.

EHP – Não tinha comércio desses. E gado, gado também só para a própria família, o gado. E suínos, suínos criamos pra, pro comércio.

HB – Haham, e galinha ou coisa assim?

EHP – Galinha nós tinha sim mas também só doméstica.

HB – E assim, quais assim tinha a possibilidades de vocês comercializar os produtos de vocês? O que que vocês vendiam de produtos, da produção de vocês?

EHP – Feijão e suínos.

ARP – É era o principal ..., Milho a gente produzia mas isso a gente transformava em suínos.

HB – Ração, em comida para os suínos.

ARP – É, sim.

HB – E era fácil comercializar esses produtos aqui? Quando vocês ven...

ARP – Sim naquela época acho que sim.

EHP – Nós não...

HB – Pra quem vocês vendiam?

ARP – Ah! De primeiro nós vendemos pro, pro comércio. Pro comércio, depois ham eu me associei na cooperativa. E vendi o produto na cooperativa.

HB – Desde quando o senhor é sócio da cooperativa?

ARP – Desde mil novecentos e setenta (1970).

HB – E assim é,... pra fazer compras? Pra comprar produtos era fácil quando vocês vieram morar aqui?

EHP – Pra comprar não era tão fácil. Aqui só tinha uma bodega, bodega mesmo. Aí tinha umas peças de fazenda é o principal assim eu digo. Mas o, a maioria não tinha. A gente precisava ir para a cidade.

HB – Aqui na na,..

EHP – Aqui na sede.

HB – Aqui na sede tinha uma bodega?

EHP – Ô sim.

HB – Daí o resto era,.. (inaudível) ... Daí em Palmitos a gente conseguia tudo que precisava assim?

EHP – Sim?!

HB – É desde quando vocês moram aqui em, e aonde vocês foram morar primeiro?

EHP – Desde mil novecentos e cinqüenta e quatro (1954).

HB – E onde vocês foram morar?

EHP – Linha Estreito Palmitos.

HB – Desde Cinqüenta e quatro (54)?

EHP – Desde cinqüenta e quatro (54). Olha eu morava a três anos com meus pais aí nós se casamos e eu retornei e fui lá com os sogros em Quati Montenegro.

HB – Sim.

EHP - Depois três anos nós retornemos e viemos morar com meus pais, e moramos dois ou três anos com nossos pais, aí nós fomos morar no mato. Primeiro a gente tinha que desmatar para poder construir o rancho.

HB – Também na linha Estreito?

HP – Também na linha Estreito, apesar de a gente ter que procurar um lugar onde não tinha uns toco muito grossos. Então os mais finos a gente tirava com os bois e cavocava eles fora e arrancava, para nós poder construir o galpão.

HB – E porque vocês vieram para Palmitos?

HP – A minha versão era porque o pai se interessou ali. Daí por causa da venda da terra lá em baixo, a terra já era mais, mais usada mais fraca. E ali puseram terra mais nova e com a venda da terra lá em baixo daí consegui uma área de terra para cada filho.

HB – Quantos hectares de terra tinha lá em baixo?

EHP – Isso eu não me lembro.

HB – E quantos hectares assim mais ou menos foram comprados aqui com essa?

EHP – Vinte (20) ou vinte e cinco(25). Vinte e cinco (25) aqui o pai comprou.

HB – Então era bem mais que lá no Rio Grande do Sul?

EHP – Sim era mais.

HB – E o seu Arno, seu Arno o senhor veio para cá por que?

ARP – Bom eu venho porque, porque a terra. Por causa do sogro e também. Por causa da terra. Era tudo terra nova e lá no Rio Grande as terras,... era mais velho.

HB – O senhor tinha terras lá no Rio Grande também?

ARP – Não, não! Lá eu não tinha terras. Conquistei a terra quando subi aqui.

HB – Haham.

ARP – Então o sogro doou para cada filho dez (10) hectares. Não treze (13) hectares. E aí depois eu comprei mais treze (13) junto. Fiz vinte e seis (26) hectares. Que nós temos lá nas terras.

EHP – Sim, mais tarde compramos mais.

ARP – Mais tarde compramos mais três hectares.

EHP – Quatro!

ARP – Hoje nós temos vinte e nove vírgula cinco (29,5) hectares.

HB – Então a terra aqui era bem mais barata.

ARP – Sim, sim.

HB – E além disso era melhor?

ARP – Sim.

HB – E,... bom, quais foram assim as primeiras dificuldades que vocês encontraram aqui quando chegaram aqui?

EHP – Eu acho que a primeira dificuldade era derrubar o mato.

HB – Tinha muito mato?

EHP – Onde que nós, nós quando nós começamos a nossa vida era tudo mato!

ARP – Era tudo mato.

EHP - ... (inaudível) daí nós nem conhecia umas árvores que eram mesmo árvores nativas. E daí a dificuldade era grande para derrubar o mato. E fazer roça.

HB – É e como é que era Palmitos naquela época?

EHP – A tinha umas casinhas de madeira. A cooperativa era mais ou menos, como é que eu vou dizer hoje, eu já iria dizer que era uma galpão. Do lado tinha um galpão e era armazém de fumo. A estrada tudo de chão de terra vermelha. Era bem pequenininho. A igreja era também uma casinha de madeira. E lá no Duque de Caxias era aquele tempo.

HB – Haham.

EHP – Também era tudo de madeira.

HB – A escola?

EHP – A escola tudo meu Deus. Hoje a gente olha e nem, e nem me consigo colocar bem como é que era, sabe que é mesmo.

HB – Dona Hilda quem que veio além da senhora com seus pais para Palmitos?

EHP – Os meus Irmãos.

HB – Todos?

EHP – Não. Ficaram a metade. Para cá veio.

HB – Quantos vocês eram?

EHP – Nós era em dez (10) irmão e vieram seis (6) eu acho. Tenho que fazer a conta (risos).

HB – Faz a conta.

EHP – O Ande a Elda e daí eu a Heide e a Hilsen. Sim era seis.

HB – E os outros?

EHP – E os outros ficaram morando lá.

HB – Eles já eram casados?

EHP – Sim, eram casados então eles estavam colocados, já tinham a sua de terras. Já estavam colocados.

HB – E esses que vieram junto, eram solteiros?

EHP – Solteiros. Eu e minha irmã a Helda Já eramos noivas. Aí era, eu já te falei antes era difícil de namorar era muito longe.

HB – O namorado ficou lá?

EHP – Sim.

HB – E vocês estavam aqui. E quanto tempo levava de viagem de lá para cá?

EHP – Dois dias e quase uma noite.

HB – Por onde se ia então?

EHP – A selva, a Tapera e o Espumoso o sabe melhor. Em Espumoso a gente precisava passar?

ARP – É a gente passava de manhã em Guaratá. Hoje município de Serro Negro.

HB – Sim.

ARP – De manhã as oito (8) horas por aí. O almoço fazia em Estrela. E aí seguia viagem depois do almoço até, até chegar em Espumoso.

HB – Por Mariante então!

ARP – Lá era o pernoite, e no outro dia as cinco (5) horas a gente se mandava de novo. Se não chovia na viagem as quatro horas a gente estava em Palmitos.

HB – Haham, e se chovia?

HP – Aí.

ARP – A gente ficava.

HB – Podia...

ARP – Estrada de chão.

HB – Podia demorar mais o tempo ainda.

ARP – E depois tinha cada rio ali no lago do Rio Grande tinha tinha barco.

EHP – Sim mas eu nem me lembro, e os ônibus não ficavam trancados com aqueles portão que

tinha.

ARP – Não ônibus...

EHP – Ônibus passavam.

ARP – Ônibus passavam,...(inaudível).

HB – E como é que eram as casas aqui em Palmitos quando vocês chegaram como é que era a casa de vocês. A senhora já falou que grande parte das casas eram de madeira, quase tudo ainda era de madeira?

EHP – A nossa também era de madeira, e tinha dois (2) andares dois (2) piso.

HB – Ela já existia quando...

EHP – Existia, existia uma casa bem gozada. Então assim ham imaginamos que era as mil maravilhas ali, mas era o contrario, que me lembro bem. Não tinha vidraças, era janelas simples, era pintado uma vez mas a gente quase não achou as pinturas da casa.

HB – Ela já era velha a casa?

EHP – Velha sim.

HB – Não tinha vidraças só tinha tampão.

EHP – Sim.

HB – E como é que era o telhado da casa?

EHP – O telhado era com telhas de barro, mas os galpões e o estábulo fizeram de capim

HB – Haham, mas era de dois andares, então era uma casa grande?

EHP – Sim era, de dois (2) quartos de dormir e uma salinha dava no segundo andar. Era gozado não sei um estilo bem esquisito. Em baixo, a parte térrea só tinha a cozinha. A cozinha e então tinha uma sala de jantar. Era tudo em uma repartição.

HB – Bem simples então?

EHP – Bem simples.

HB – E as coisas mudaram assim aqui em Palmitos? Na vida de vocês mudaram de lá para cá muito?

EHP – Muito, muito que tá loco. Em tudo, mudou com a disposição, mudou a saúde. Mudou que a gente ficou mas não vou dizer velha.

HB – (risos)

EHP – A gente criou, construiu a sua própria família. Hoje todos estão casados todos estão colocados no mundo. A mudança é muito mais, uma mudança que é natural.

HB – E Palmitos mudou?

EHP – Palmitos mudou muito, Se era não sei quantos por cento nem posso calcular. Porque hoje Palmitos é uma cidade bonita. Contra aquela vez, porque aquela vez nem era cidade! Era engraçado, a tal de praça era uma área de terra vermelha não tinha nada em cima.

HB – Pra amarrar cavalo

EHP – É, pra amarrar cavalo isso mesmo! Até tinha aqueles tal de parapeito lá. Eu acho que era um pátio antes que os carroceiros posaram, deixavam as carroças depois quando levavam fumo, pro armazém da cooper. Nós não plantava fumo nisso. Era... (inaudível).

HB – E vocês falaram que tinha muito mato. Que tipos de árvores tinha no mato aí?

ARP – Ah! Tinha Grápia, tinha Canela, tinha (ilegível), Guatambú, Anjico, eram as principais.

HB – Tinha árvores frutíferas assim também no mato.

ARP – Ah, pouco.

HB – Frutas silvestres assim.

ARP – Muito pouco.

HB – E pinheiro brasileiro tinha ainda?

ARP – Aqui não, não tinha, no mato não tinha pinheiro.

EHP – Não, aqui nessa região não tem pinheiro nativo. Só plantado, como lá na, na nossa área de terra que meus pais compraram lá tem pinheiros, tinha não sei se ainda existe. Mas que a finada mãe plantou.

HB – E tinha animais selvagens?

ARP – Olha na época não tinha mais.

EHP – Não sei pode ser que tinha, veados ali, tamanduá.

ARP – É veados, tamanduá depois. Tamanduá eu não cheguei a ver só tatu tinha bastante.

EHP – Não nós vimos tamanduá.

HB – Tamanduá e veados vocês viram e macacos também?

EHP & ARP – Macacos tinha.

HB – E onças vocês chegaram a ver alguma coisa?

ARP – Não aqui não.

EHP – Só uma vez a gente estava na roça até, e o pai como depois nós contamos, que o pai como é que os cachorros agiam. Então eles falam, pode ser que foi uma onça uma jaguatirica. Ela roncava aquele bicho e os cachorros avançavam e voltavam, avançavam e voltavam. De repente nós com as enxadas e cachorros todo mundo pra casa.

HB – (risos) É melhor, melhor. E paca ou anta alguma coisa assim tinha?

ARP – Anta tinha...

EHP – Paca e quati, anta não.

HB – O que eram assim as principais dificuldades que os moradores encontraram aqui primeiro assim em... (para, para refletir) em trabalhar? Viver, o que que era assim mais difícil?

EHP – A em viver pra cá era o comércio, farmácia, não tinha nada. Se precisava um tecido alguma coisa era só ir para a cidade. Como é que ia pra cidade! Não tinha carro lá, nem automóvel, não

tinha ônibus. Era difícil mesmo.

HB – A senhora lembra quando começou a ter ônibus pra, pra cidade aqui da sede?

EHP – Eu não me lembro mas acho que foi em sessenta mais ou menos.

HB – E daí era todos os dias?

EHP – Sim, um tempo tinha duas vezes por causa do balneário. E hoje não funciona mais, não tem mais passageiros que... Eu creio por causa que pode que cada um tem seu automóvel.

HB – Mas lá em sessenta já era diário?

EHP – Um ônibus sim.

HB – E tinha luz elétrica?

EHP – Não, não em Palmitos, como é que eu acho que um gerador tinha.

ARP – Sim Palmitos tinha mas era até dez (10) horas da noite.

HB – E aqui onde vocês moravam?

EHP – Não.

HB – Quando é que chegou a luz elétrica ali?

ARP – Mais ou menos nos anos de setenta e oito por aí, setenta e nove.

ARP – É setenta e oito, eu me lembro quando o pai faleceu daí recém vinha vindo a luz. O Pai mal apenas podia ver o conforto e daí...

HB – Haham, ham e assim o que que vocês acham que é mais gostoso na vida assim da época que vocês vieram morar aqui? Assim na comunidade, na, na, nessa região assim. O que que vocês mais gostavam da vida aqui?

EHP – Aqui pra eu, só pode ser a própria natureza, a gente se encantava. A gente era apaixonada pelos cantos naturais e a amizade era mais do que hoje aquilo. A gente se reunia ... ( indescritível) tomava chimarrão ia passear como se diz. Hoje em dia não existe, fica em casa só assiste TV, nenhum sabe do vizinho. E aquela vez a gente se reunia em turma de noite pegava uma lanterninha e ia passear na vizinhança. Hoje em dia acabou tudo se existe acho que é o...

HB – Seu Arno?

ARP – É eu também eu, nessa parte aí da... Depois que surgiu a televisão. A gente não sai mais de noite só se...

EHP – Nem de dia (risos)!

ARP – ...Só se tem alguma coisa, uma reunião alguma coisa assim.

HB – Assim como é que, o senhor diz que vocês iam muito passear, como é que era assim a vida as relações entre as pessoas nessa época?

EHP – Não, a gente conversava se tinha um junto se cantava, a gente cantava. Tinha uns que tinham violão, nós queria cantar com violão mas às vezes a gente está na frente do violão (risos), e as vezes atrás. Gente nem era acostumada a acompanhar o violão. A gente tinha seu próprio ritmo, daí



sempre caía fora (risos).

HB – As famílias se visitavam muito?

EHP – Sim.

HB – E teria como citar o nome de vizinhos, de algumas pessoas que moravam próximo da casa de vocês?

EHP – Tinha os Ninos, depois veio os Kilars. E lá nós estava na linha... (Trecho indescritível) . E daí mais pra cá os Kserau, os Machicher. E daí nós já estava aqui na sede que tem o Palo Merk. Pra lá quase não tinha morador até que nós morava.

HB – Haham, vocês eram os últimos lá no meio do mato?

EHP – Sim, pra lá de nós era só os Siemes. Até que meu mano foi morar lá. Ele comprou a terra dos Siemes, e daí tudo pra lá tudo era mato lá marchando pro outro lado. Não tinha morador antes.

HB – E é, e quando vocês vieram, morar aqui tinha índios por aqui?

EHP – Não. Só eu acho que no tempo de veraneio assim daí. Vieram acampar ali na Ilha. Daí eles trabalhavam vendiam os cestos, aqueles trabalhos assim na.

HB – E caboclos?

EHP – Caboclos tinha. Mas no outro lado do rio. No lodo do Rio Grande.

HB – Ali tinha caboclos?

EHP – Sim.

HB – Como é que era assim eles tinham alguma relação com vocês eles apareciam aqui?

EHP – Sim, as vezes vinham procurar serviço. Eles vinham comprar melado, banana, melancia, melão. Isso também era que a gente vendia muito naquela época. Até pão de milho eles compravam porque não conhecia.

HB – E eles faziam serviços, que tipo de serviços eles faziam.

EHP – Roçada, em principal era roçar que eles sabiam.

HB – E como é que era conviver com eles?

EHP – Era bom. Eles eram muito respeitosos assim. Nós morava muito perto das Despranchapas. Onde eles transportavam madeiras ali em São Borja.

HB – Haham.

EHP – Entre eles, meu Deus! Eles brigavam muitas vezes, era de facão, revólver o que que eles acharam.

HB – A sua irmã disse que vocês vendiam comida para o pessoal das balsas?

EHP – Sim, agora comida cozida eu não me lembro...

HB – Não não, alimentos...

EHP & ARP Alimentos, ovos.

HB – Carne.

EHP – Frango e carne suína, banha e melado, chimia eles não conheciam isso! Meu Deus isso era festa para eles.

HB – E quando é que passavam as balsas por aí, passavam sempre?

EHP – Não só em época de enchente. Assim quando dava enchente, os colonos que trabalhavam na roça ficavam meio triste porque chovia demais. E eles faziam festa é alegria porque eles iam fazer o seu dinheirinho.

HB – Mas Vocês lucravam vendendo alimentos para eles daí?

EHP – Sim daí nós aprendemos que mandioca dá pra comer com caldo tudo. Nós que é alemão, nós sempre sabia que o caldo da mandioca é veneno. E eles faziam sopa, picavam um frango botavam numa panela com mandioca picada e frango picado. Botavam água e sal e coziavam assim, e comiam junto. O meu pai provou, ele era muito amigo dos balseiros, dos caboclos lá e convidaram ele para almoçar junto. Provou o prato, diz que era até gostoso.

HB – Fazer um putieiro.

EHP – É (risos).

HB – E Quem é, como é que era a divisão do trabalho na família? Quem é que trabalhava na roça quem é que fazia o serviço em casa como é que era?

EHP – Serviço de casa era só a mãe. Nós ajudava só quando estava em casa. A limpeza assim da casa lavar assim a área secar. Começava esfregar com vassouras ou com escovas. Isso era o nosso serviço das moças. Mas assim fazer a comida e lavar a roupa geralmente era a mamãe.

HB – Costura?

EHP - Costura cada uma costurava, nós todas as irmãs nós precisava costurar mesmo.

HB – Haham

EHP – Mas remendar já era mais pro lado da mãe. Porque antigamente a gente remendava muita roupa, hoje em dia não.

HB – Sim.

EHP – Não precisa mais.

HB – E trabalho de roça daí era?

EHP – Trabalho de roça daí era o pai e o meu irmão, e nós meninas.

HB – E depois com o seu Arno daí era, quem é que fazia o serviço?

EHP – A daí nós era junto (risos). Nós íamos ombro a ombro.

HB – E as crianças?

EHP – As crianças nós levávamos na roça.

HB – Sim mas e elas ajudavam também na roça?

EHP – Sim. quando que eles podiam, pra elas não fazer folia nós saber onde eles estavam. Daí a gente quando a gente limpava a plantação. A gente carpia por careiras.

HB – Haham.

EHP – Vamos supor, a careira de baixo o pai pegava e a segunda careira o filho mais velho pegava, a terceira a mãe. E a outra, sempre separava a piasada para não se cutucar. Nem que a gente carpia a maior parte entre as careiras deles. A eles ficavam felizes que eles acompanhavam o pai e a mãe.

HB – A partir de que idade eles pegavam na enxada?

EHP – Ah entre seis e oito anos em diante.

HB – Quem, e vocês tinham gados também de leite quem é que fazia o serviço com o gado, como é que era.

EHP – Esse era o meu serviço, com vacas leitera era o meu serviço. Tirar pasto, tratar e depois com a idade o mais velho precisava ir junto quando tirava leite. Para segurar o rabo da vaca (risos).

HB – E suínos?

EHP – Esse era com o Arno.

ARP – Meu só.

HB – Quantos suínos tinha?

ARP – Ah nas primeiras épocas tinha pouco. Duas criadeiras, cachaço e duas três. Então a criação, criava, engordava e vendia para o comércio.

HB – E era para banha.

ARP – É então...

EHP – Sim aquela vez.

ARP – É era porco, a maioria era porco de banha. Daí depois mais tarde entrou Acaresc ali em palmitos e mudou tudo. Daí tinha que ser porco branco ou vermelho. Mas daí continuava...

EHP – Que produziam menos banha.

HB – Daí era porco pra?

ARP & EHP – Pra carne.

HB – Daí veio a integração também com a Sadia e Aurora?

ARP – É depois mais tarde veio a integração.

HB – A partir de quando tinha a integração o senhor se lembra?

ARP – Ah! Aí a integração começou ali com os...

EHP – Quando tu entrou na cooperativa tu logo começou a construir aquele chiqueiro daí vendeu logo.

ARP – Ali por mil novecentos e setenta e cinco (1975), foi é que a gente começou.

HB – E como é que os homens aqui na região se divertiam, nos domingos nos feriados quando tinha tempo livre como é que os homens se divertiam?

ARP – A maioria ia pescar, só que eu não era pescador.

HB – O senhor não gostava de pescar?

ARP – Eu não gostava.

HB – Então o que que o senhor fazia?

ARP – Ah! Mas então se não tinha visita a gente ficava por casa. Daí ia antes da noite a gente tirava o pasto para a sicuta, pra sicuta ter que pegar outro serviço e então.

HP – É trabalhar era a diversão (risos).

ARP – É as vezes a gente saía sim! Visitar os conhecidos aqui da sede.

HB – Jogar uma carta.

ARP – Não.

HB – Também não é?

ARP – Muito muito pouco ou nada.

HB – E bolão.

ARP – Não tinha nada aqui.

HB – E Baile?

1. EHP – Baile tinha mas aqui não tinha salão quando nós viemos. Só em Três Pinheiros lá tinha dois. Nós ia lá em Três Pinheiros...

HB – E e as mulheres como é que se divertiam?

HRP – A era mais ou menos a mesma coisa a gente se visitava. A gente tinha uma visita e tinha uma amiga, a gente ficava feliz senão a gente saía ou ficava em casa, (Trecho indescritível), a gente tinha que costurar.

HB – Fazer tricô.

EHP – tricô, crôche.

HB – Trabalhos manuais então?

EHP – É sim trabalhos manuais.

HB – E ir visitar as amigas. E as crianças que as, como eram os brinquedos das crianças? Lembram de brinquedos, brincadeiras de crianças. Brinquedos com quais as crianças brincavam?

EHP – Ah! Brinquedos assim que era comprados era muito pouco aquela vez... (trecho indescritível)... de carreta, de duas rodas de quatro rodas. E vinha rolando que tinha aquele “x”, cata vento. Então se colocava no rolo, e corriam com o cata vento na mão. Corriam, corriam, quem corria mais mais o cata vento corria mais. Então era a brincadeira, pular sóga, pula como é que... (trecho indescritível)... tipo assim, aquelas coisas. E as meninas brincavam de bonecas com um sabuguinho, uma boneca enrolada.

HB – E a juventude tinha condições assim tinha alguma coisa interessante para fazer, pros jovens que já não eram mais crianças.

EHP – Não tinha assim grupo de juventude, não tinha o jogo de bola, não tinha grupos de danças, não existia coral, não tinha nada. Coisas assim organizadas não tinha nada nada.

HB – E que que eles faziam então.

EHP – Nada. Olha quase não posso te responder que que os rapais faziam. Correr de bicicleta isso tinha bastante, bicicletas tinha. Mas não todos que tinham.

HB – Quando vocês vieram morar aqui Palmitos já tinha movimento lá para a Ilha Redonda, já tinha o pessoal já ia para a Ilha Redonda?

EHP – Sim, mas era tempo que a gente, de Palmitos para cá eu até nem sei como que eu acho que eles pegavam o tal de táxi, e ir pra baixo. A maioria veio decerto com o ônibus de trajeto até depois uando começou o trajeto Ilha Redonda Palmitos. Porque nós, primeiros tempos, quando nós morávamos ali em Palmitos nós fomos conhecer a Ilha Redonda. Pois meu pai tinha vinte nove. Era grande quase, ele corria. E daí na volta demos de azar e quebramos a ponta de eixo do carro, e ficou lá. Daí já tinha aquele antigo balneário, não sei se ele está ainda lá, não sei. Lá onde é que tem a baixada na frente do balneário de hoje. Lá em baixo, tinha uma casinha que tinha comprida, com só com banheiro piscinas não tinha, lá nós fomos tomar banho.

HB – E pessoal vinha, vinha de longe tomar banho?

ARP – Sim, sim,...

#### FIM DO LADO “A” DA 1º FITA

HB – Que vinha de fora?

EHP – Daí quando meu pai, e minha mana e meu mano de visita, quando eles compraram a terra ali dai Tiesen encontraram com um amigo de lá de Bom Retiro do Sul que estava ali no Banho.

HB – Puxa, Bom Retiro!

EHP – Sim, sim Bom Retiro do Sul.

HB – E assim outros, outras pessoas de outros lugares a senhora tem alguma lembrança?

EHP – Não, eu só sei que argentinos também tinha aquela vez já. Mas assim que outros provavelmente também tinha não só...

HB – E eles só vinham na temporada ou vinham o ano inteiro?

EHP – Não acho que só na temporada.

HB – E o pessoal vinha pra cá para banhos aqui para se divertir ou pra...

EHP – Ah! Eu acho que principalmente naquela época era para cura.

HB – Que tipos de doenças eles vinham tratar aqui a senhora lembra?

EHP – Ah! Reumatismo, nervo, aquelas coisas.

HB – Haham, vocês são da comunidade evangélica?

EHP – Somos.

HB – E assim quais eram as principais festas aqui da comunidade de sede Oldenburg da, no geral

assim?

EHP – Ah tinha uma festa da comunidade evangélica e uma festa da comunidade católica e mais não tinha, por ano.

HB – Aqui tinha algum tipo de sociedade ou clube aqui?

EHP – Não, o sociedade Boa Vontade que é pros cantores foi iniciada em cinqüenta e seis (56), dai começaram a se reunir. E fundado foi em cinqüenta e sete (57) que saiu o registro que era tudo legal. Daí começou a Sociedade dos Cantores da Boa Vontade.

HB – Por que que esse nome Boa vontade a senhora pode me contar isso?

EHP – Mais ou menos porque eles cantavam em quatro vozes, e só tinham um livro com nota.

HB – E essa sociedade de cantores eram quatro vozes masculinas?

EHP – Masculinas sim.

HB – E um livro só?

EHP – Um livro só! Não tinha outro, até que eles conseguiram arrumar mais livros porque não era fácil. Daí se copiavam um do outro de um livro. Ou senão uma voz ensaiava o livro foi pra lá, e quando ensaiava outro o outro ia pra lá.

HB – E a senhora lembra quem eram as pessoas que começaram a cantar na sociedade?

EHP – Eram o Paulo Melk e o Marcos **Chiker**, vieram um domingo lá em casa falar com meu pai, porque era para ele ser o regente. E meu pai não aceitou porque ele não soube tocar um instrumento. Assim, as notas e tudo ele conhecia, daí era o Marcos **Chiker** depois ficou com o regente. Como é que se diz cita, ele tocava.

HB – Citara.

EHP – É, e o Paulo Melk, e meu pai, e o Albino Braz, Enrique Bildo, Ermino Braz e daí mais tarde entrou o Vili **Pildo**, Osmar **Pildo** e o...

HB – Seu irmão também o Armind?

EHP – Sim o Armind também meu irmão e os Tom de lá de Barão. Eo, a esse Pilga lá de três pinheiros que faleceu! Artur Pilga, Arnaldo Biehl, mas uns dos primeiros. Armino Schinaeder...

HB – É um coral masculino forte em!

EHP – Sim!

HB – bastante gente!

EHP – Mas com o tempinho eles estavam com uma pessoa duas pessoas numa voz. Mas daí quando o pessoal viu que isto funcionava, que tinha harmonização, daí o pessoal se interessou e veio!

HB – Daí esse coral começou e aí a partir desse coral que se fundou a sociedade aqui, o Clube da Boa Vontade?

EHP – Sim, sim, depois mais tarde ingressou o futebol, e hoje em dia todas as entidades que nós temos ali são ligadas, associadas. Filiadas assim na sociedade Boa Vontade, e temos onze entidades!

HB – E que que são essas entidades?

EHP – É o coral comunitário, o futebol a Igreja católica, a igreja evangélica, a luterana. E o clube de damas, e o clube de idosos, e as danças a escola, o clube de mães, falta mais um... No mais não aposto nada mas tem outra, outra entidade, não tem é. O bolão! Mas Bolão hoje em dia não existe mais, bolão a...

HB – E hoje o coral é um coral misto?

EHP – Hoje é misto, haham.

HB – Muito interessante, assim, vocês disseram que tinha duas festas por ano uma festa dos católicos e uma festa dos evangélicos.; depois veio a festa do coral também?

EHP – Sim.

HB - A sociedade de cantores. E quem é que ia nessas festas?

EHP – Ham, todo mundo ...(palavra incompreensível). Nós ia unidos!

HB – Aqui toda a, toda a comunidade...

EHP – Sim, sim!

HB – Só assim daqui da região?

HP – Isso, da região.

HB – Vinha gente de fora?

EHP – De Palmitos, “panutis”, da cidade todos os anos sempre vieram bastante da cidade de Palmitos visitar nossas festas.

HB – E tinha cultos aqui?

EHP – Sim cultos nós tinha.

HB – Quantas vezes assim? De quando em quando tinha culto?

EHP – Nossa? Em primeiros tempos nós tinha de quatorze (14) em quatorze (14) dias.

HB – Já tinha a igreja aqui em sede Oldenburg?

EHP – Não. Tinha uma casinha que eles tinham alugado, era uma casa de moradia. Não sei se ficou, acho que era do finado Astolf essa casa primeiro.

ARP – eu não sei de quem era.

EHP – Porque ele já tinha construído a sua casa, isto eu não posso dizer ao certo. Era uma casinha pequena uma casinha preta. Esta lá a comunidade se reuniu no culto, dos evangélicos.

HB – Haham.

EHP – E os católicos já tinham uma capela.

HB – Então já sempre teve católicos e evangélicos aqui em sede Oldenburg.

EHP – Sim, sim.

HB – E os homens participavam muito da comunidade?

EHP – Sim mais do que hoje! Como a nossa igreja eles puxaram a areia e os tijolos. Tudo lá da

costa do rio. A areia eles tiraram do rio. Lavavam a areia para ficar mais limpa tirar a superfície.

HB – Para construir a igreja!?

EHP – Sim para construir a igreja e...

HB – Eles participavam.

EHP – Tudo com caro de boi! E os tijolos também, a olaria estava lá no porão do Dorildo, lá no Estreito. E dela eles puxaram todos os tijolos para cá.

HB – Seu Arno o senhor, você participou bastante na organização dos agricultores na cooperativa e coisa assim? Mas esse...

ARP – Sim.

HB – Havia muito a participação dos agricultores dos homens aqui?

ARP – Sim porque, mais participação do que hoje.

HB – E isso trouxe melhorias pra...

ARP – Sim.

HB – Pro pessoal daqui, poderia explicar isso talvez um pouco?

ARP – Sim, a ali porque nós tinha a cooperativa ali em Palmitos, só que na época... Antes que entrou a Acaresc ali. Então a cooperativa era do presidente mas os sócios lá não tinha voz e só entregava, e ele fazia com o sócio o que que ele queria. E aí entrou a Acaresc, e aí também tinha loja na sede da cooperativa. Fomos lá dentro da porta lá no fundo e estava escrito proibida a entrada para pessoas. Mas eu sou sócio numa cooperativa mas isso eu nem sabia. Então veio a Acaresc ela, eles disseram, os acionistas disseram o seguinte “olha a casa é de vocês. Vocês tem que olhar no canto se tem um rato correndo lá vocês tem que avisar a diretoria para eles dar um jeito”. Na época não, não era assim. Ninguém, ninguém tinha experiências, ninguém sabia. Aí eu sei que um dia nós tinha um encontro sabe dos líderes da cooperativa em Palmitos. Daí de tarde nós fomos visitar a cooperativa. Aí nós entramos lá nós fundos nos depósitos, nos armazéns, mas era só uns trilhos o resto era tudo. Então tinha as prateleiras, na época tinha banha ainda, com as latas de banha em cima dos depósitos dos formicidas.

HB – Em cima da banha?

ARP – Banha, latas e latão estavam abertos, outros estavam fechados, era tudo desse jeito.

HB – Bem organizado então.

ARP – Por isso ninguém descia lá na porta que...

HB – Não podia entrar.

ARP – Que não podia entrar.

HB – E daí o que que vocês fizeram?

ARP – Aí nós voltamos e aí nós tinha que falar o que nós vimos.

HB – E aí começaram a organizar melhor?



ARP – E aí começou a se movimentar.

HB – Então a participação daí começou a aumentar, de vocês dentro da cooperativa?

AP – Sim, sim.

EHP – Haham, depois que a Acaresc entrou.

HB – E orientou eles.

ARP – É nós aqui não tinha orientação.

EHP – Sim daí entrou...

HB – A partir de quando vocês começaram a participar mais desse jeito.

ARP – Ah foi, eu entrei em... Eu entrei em setenta (70), setenta e um (71), setenta e dois (72) que começou.

HB – Haham, começaram a controlar melhor as coisas.

ARP – Sim, sim.

EHP- Isso depois da...

ARP – Mais experiente tudo.

EHP – depois a cooperativa se envolveu na criação de suínos e gado leiteiro e tudo mais.

ARP – É de primeiro era só, era só feijão. Feijão e banha. Aí com o tempo começou a comprar suínos. E aí o próprio associado é agora. A gente pode ver nós vendia porco que passou de cem (100) quilos, mas quando vai, quando vende para a cooper e quando venderam para o comerciante que retorna para essa pessoa Oitenta (80).

EHP – Assim que era malhar pela aparência sabe.

ARP – É pela aparência.

HB – E as mulheres aqui na comunidade de Sede Oldenburg elas tinham, tinham força também?

Elas se organizaram também?

EHP – Não, Não isso aí não.

HB – Elas conseguiram por exemplo elas fundaram uma Oase?

EHP – Sim da Oase por parte da igreja sim. A Oase, a Oase esta funcionando bem. Só que somos poucos membros.

HB – Desde quando tem a Oase aqui?

EHP – Setenta e um (71) de onze (11) de dezembro.

HB – Onze (11) de dezembro de setenta e um (71), foi fundada o Oase de Sede Oldenburg?

EHP – Sim, sim Sede Oldenburg.

HB – E assim a mulher. Agora é uma pergunta mais cabeluda. A mulher antes, na família tinha voz, vez, tinha?

EHP – Pouco, pouco aquela vez quem mandava e quem sabia as coisas, quem sabia manejar, quem sabia fazer dinheiro, cuidar o dinheiro, é o homem. E a mulher e era sagrado isso. Era só o homem

que sabia. A mulher não sabia. Ela mesmo se desprezava, que ela não podia. Não era o dever dela, que ela não tinha direitos nisso. E graças a Deus que hoje em dia mudou bastante. Estamos provando os direitos iguais, e pouco a pouco a gente está no, mesmo nível.

HB – Quando é que as crianças de vocês foram na aula tinha escolas?

EHP – Sim, no Estreito nós mesmos montamos uma escolinha. Depois como é que foi depois passou para o município?

HB – Quando vocês fundaram essa escolinha?

EHP – em sesen...

ARP – Sessenta (60) mil novecentos e sessenta (1960) começamos aí.

HB – Aí vocês já tinham filhos que tinham que ir na aula?

ARP & EHP – Não.

EHP – Nós não. A não foi. Só se foi registrado aquela época.

ARP – Não cinqüenta e nove (59) nós viemos morar aqui e sessenta (60)nós começamos lá.

HP – Sim... (palavra indescritível)... cinqüenta e sete (57).

HB – E quem é que dava aula lá?

EHP – O primeiro professor era o... (Tempo para pensar no nome Do professor) Estalivam!?

ARP – Sim.

EHP – O **Peno** Estalivam, Fatim Estalivam.

HB – Haham, lá no Estreito ele dava aula?

EHP – Sim.

HB – E a aula era de manhã ou de tarde?

EHP – De manhã primeiro, depois passou para de tarde.

ARP – Sim era assim, no inverno era de tarde, e na época de verão era de manhã. Não é como hoje.

HB – Haham , sim e era uma sala só?

AP & HP – Sim.

HB – Com todas as crianças dentro?

HP – E a moradia estava junto com a escolinha.

HB – A moradia do professor?

ARP & EHP – Sim.

HB – E quem é que pagava o professor.

EHP – A comunidade, depois não sei até eu depois. a partir de que o município assumiu...

ARP – Sim.

HB – Lembra a partir de quando o município assumiu?

EHP – Eu não me lembro.

ARP – Haham.

EHP – Então no tempo do Paulo Muller eu acho.

ARP – É.

EHP – Não sei de que tempo ele foi prefeito. Nem me lembro,.. Ah não me lembro mais.

4º Pessoa – Escola Municipal Jorge Lacerda.

EHP – Sei.

HB – Era esse nome escola! Escola Municipal Jorge Lacerda, mas daí quando ela se municipalizou.

Quando ela era da comunidade, ela tinha um nome também?

EHP – Eu acho que a própria comunidade!

ARP – Sim.

EHP – Os cabeças, botaram isso! O Vater **Cayb** o Vater **Bianscy**.

HB – haham.

ARP – Porque na época pra construir nós não ganhamos nada da prefeitura.

HB – Sim, vocês construíram, a comunidade construiu?

EHP – Ele foi à Maravilha com o Quito Kurze, com o caminhão pegou uma carga de madeira.

HB – Seu Arno foi para Maravilha buscar madeira?

EHP – Sim, e daí trouxe para nós construir o nosso galpão no mato. E pra escola.

HB – Haham.

EHP – Numa carga.

HB – E como é que era com livros pra, pros alunos e coisa, material pros alunos. A escola tinha livros ou as famílias tinham que comprar?

ARP – Mas as famílias tinham que comprar.

EHP – Olha eu acho que sim. Eu acho muito então os livros que o pai tinha também foram emprestados pra lá.

HB – Haham.

EHP – Que que o pai tinha que servia. Eu não fui muito tempo! Até que eu fui, que a prefeitura assumiu. Eu não me lembro nós não tinha crianças na aula. E sei que ele já foi o fundador, o Arno. E foi o primeiro secretário.

HB – Haham.

EHP – O Cláudio tinha dois anos, o nosso filho mais velho. Daí foi fundado aquela comunidade escolar.

HB – Já estavam preocupados com a escola pros filhos.

EHP – Sim, mas sabia tinha um filho que ele precisava estudar?

HB – Sim.

EHP – Daí tempo... Mas também podia, daí morria de contar. Na escola, a igreja.

HB – Muito bem, ham e assim as crianças iam para a escola todos os dias?

ARP – Sim.

EHP – Todos os dias, até sábados.

HB – Até sábados?

EHP – hoje em dia não tem mais sábados.

HB – Sim, e é quantas horas eles ficavam na escola mais ou menos?:

EHP – Quatro (4) ou cinco (5) horas.

HB – Haham. E quando chovia as crianças iam para a escola também?

EHP – também.

HB – E quando tinha época de colheita não davam feriados aí para as crianças ficarem colhendo, em casa ajudando?

EHP – Não. Isto não existia mais. Eu acho que no tempo do teu estudo existia isso ali?

ARP – Sim.

EHP – Você e meu pai sempre falava, no tempo que meu pai estudava, em época da safra, então tinha uma pequena férias pros filhos também ajudar.

HB – E daí eles tinham as férias direito no final do ano aqui?

EHP – Nas férias nossas filhos o...

HB – Aqui na escola.

EHP & ARP – Sempre.

EHP – Intervalo tinha e férias de inverno também tinha. Acho que sempre dez dias no inverno.

HB – E quando alguém ficava doente como é que era?

EHP – Isto não era fácil. Eu só posso dizer que nem sempre então eu me recordava. Porque as vez é pesado demais. Eu posso disser que anos depois quando a nossa nenê adoeceu, daí nós viemos lá do mato, lá do Estreito, passando por pique e tudo com a criança nos braços caminhando até na Sede. Para depois poder pegar um carro, ali tinha dois três carros. Três eu acho. O Melk e o Helio Frenk e o **Pork**. O Ari **Port** era viajante, ai nós viemos de a pé até aqui pra pegar uma corrida para levar a criança para o hospital. Daí o Merk não estava em casa e o Helio Trenk não estava em casa. Aí nos apelamos pro Ari **Port**, o viajante. E daí sabe o que que ele respondeu pra nós? *“Eu não tenho necessidade de fazer corrida. E além é domingo de manhã”*. Nós com a criança nos braços e vendo que ela estava mal. E daí o sogro do **Port** veio do outro lado da estrada. Primeiro as mulheres vieram, a sogra e a mulher do **Port**. Então elas pediram: *“A criança esta doente? Eu disse sim. Então querem ir no médico, mas o **Port** acha que não, não tem necessidade de fazer corrida. Mas e além, é domingo de manhã.”* Daí as mulheres entraram e daí logo o sogro do **Port** veio daí ele pediu: *“O velho o senhor consegue levar a Combi até Palmitos então leve essa gente até Palmitos”* Daí não chegou a anoitecer a criança estava falecida. Daí no outro dia a mulher veio, a esposa do viajante, me abraçando me dando os pêsames e como é que a gente fica... (período de silêncio) E

assim era por tudo, eu sei quando nasceram os meus sobrinhos a, a filha do Arno e da Irmã lá dos **Reigam** eles pegavam parteiras. E meu pai tinha aquela mulinha. Então iam de a cavalo até lá na lha ter que arrumar uma parteira, parteira.

HB – Quem era a parteira?

EHP – A Muta Knapp. E depois mais tarde era a Rosa Ainoff. Ela já era aquela vez, mas a gente nova que sabia. E assim levava de volta.

HB – Rosa Ainoff era lá de Três Pinheiros?

EHP – Não de Palmitos.

HB – De Palmitos!? Então vinha até aqui?

EHP – Sim. Era a mãe da Luiza **Arra**, não avó, avó, era avó do **Raitpoz**. A mãe do **Raitpoz** era filha da dona Ellza.

HB – E ela vinha lá de Palmitos?

EHP – Sim.

HB – De carro?

EHP – Sim, mais tarde veio de carro. Mas aquela primeiros anos, assim no primeiro ano não tem. Ela veio de a cavalo, porque não tinha carro.

HB – Os seus filhos nasceram em casa ou no hospital?

EHP – O mais velho nasceu no hospital e o segundo, o Marcelo nasceu ainda em Caxias Rio Grande do Sul. E o segundo em Palmitos, no hospital, e daí o terceiro nos peguemos a... (palavra indescritível) ...a parteira. Daí o Arno foi até aqui na Sede, quatro (4) quilômetros, para pegar um carro montar num carro pra buscar a parteira. Assim era.

HB – E ela vinha a tempo ainda?

EHP – Sim (risos), vinha a tempo.

HB – Primeira dor tinha que avisar a parteira pra ela chegar.

EHP – A ultima, a ultima criança a finada que nasceu. Daí não tinha mais tempo.

HB – Aí nasceu sozinha?

EHP – Sim, ia tormenta e caía pedra, daí ele queria sair pra vim ali pra fora para mandar um carro já foi contratado o Helio TreiK, pra buscar a parteira. Tu não vai embora e eu sozinha ali em casa com as crianças pequenas e com esse temporal podia acontecer alguma coisa com ele na estrada, eu pensei, precisava passar no mato. Ele esperou um pouquinho daí quando ele ia embora eu disse “Vá ir ver mas se é recurso mande ela pra cá”. Quando ela veio a criança já estava nascendo. Quase que eu estava só, se ele tinha ido sozinho.

HB – Sim, porque os filhos depois dos primeiro, vem cada vez mais rápido. E assim tinha, tinha hospital já em Palmitos quando vocês vieram pra cá?

EHP – Sim, quando nós viemos para cá o hospital evangélico já tava.

HB – Era de madeira ainda!

EHP – Sim.

HB – E quem era médico na época?

EHP – Aquela vez eu acho que era pouco. Sorte que nós não precisava médico nos primeiros anos.

Eu acho que era o **Kokt** depois veio o **Kortdetz** irmão do **Enrike**.

HB – Haham.

EHP – Kortetz e o Enrike, o kortetz não quer estar. La com ele nasceu o Elam meu segundo filho.

Mas quem queria o parto era a irmã Írma,... (Palavra Inaudível) como eles disseram. **Faianoxkis**.

HB – E assim tinha doenças que eram freqüentes que o pessoal pegava muito? Que hoje não pega mais tanto?

EHP – Há eu não me lembro se tinha gente doente.

HB – As pessoas não ficavam doentes.

ARP – Não, não. Quando ficavam morriam também.

EHP – É acho que era isso. Quando alguém notava que estava doente, notava quando era tarde.

HB – Haham.

EHP – Eu imagino que era isso. Se eles iam mais antes para o médico sabia depois, mas não era aquela vez.

HB – E quando ficava doente assim gripe ou coisa assim, que que fazia?

EHP – Ah! com chá, compressa e comprimidos a gente não conhecia.

ARP – Passar o suador.

EHP – Hoje eles proibem o Suador.

HB – Ainda gostaria de contar algum caso especial?

EHP – mas.

HB – Uma historinha, seu Arno tem alguma coisa bonita para contar pra nós?

EHP – Ele não quer contar, quantas vez, da primeira vez.

HB – Conta quando veio da primeira vez?

EHP – (risos)

HB – Visitas a namorada?

ARP – Bom (produz um barulho com a garganta) a gente vinha de ônibus até Palmitos de Iraí.

Pegava um táxi na Sede e aí a gente estava...

EHP – Perdido.

ARP – Estava perdido aí.

EHP – Aonde?

ARP – Aonde mora a noiva. Aí foi derrepente um senhor se prontificou: “*Eu sei!*” ele disse Eu morro ali para baixo ele disse” eu vou junto.

EHP – O Killard.

ARP – Eu, eu vou junto com você. Dai era eu e o

EHP – Franz!

ARP – Franz.

HB – Namorado da irmã, da sua irmã (risos).

EHP – Sim.

ARP – Então, depois até para achar a casa, disse “*É ali, eu vou voltar*”. Nós dois fiquemos lá.

EHP – Mas tu não contou tudo!?

HB – Que que ele esqueceu?

(silêncio)

EHP – Eles queriam bancar os espertos, acho que não sei não me contam. Tiraram as alianças na viagem.

HB – Ah! Já eram noivos?

EHP – Sim eram noivos. Depois o Franz nos contou que eles estavam sem as alianças quando vieram. Daí no caminho deserto que se afastaram mais atrás do Franz e colocaram as alianças (risos). Ele contou! Quando disseram que eles eram os noivos do, das filhas do Kaivin, daí ele observou que nenhum tinha as alianças no dedo!

HB & EHP – ( risos)

HB – Tem mais historias ainda?

ARP – Não.

HB – Nenhuma?

FIM!